

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

O Quilombo e a Universidade enquanto Práticas de Ensino e Aprendizagem

The Quilombo and the University as Teaching and Learning Practices

El Quilombo y la Universidad como Prácticas de Enseñanza y Aprendizaje



Ynara Victoria Borges Santos

Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil

ynara.victoria@uel.br



Angela Maria de Souza

Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA) Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil

angela.souza@unila.edu.br



Juan Ignacio Brizuela

Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA) Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil

juan.brizuela@unila.edu.br

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir acerca do conceito de quilombo e aquilombamento a partir dos escritos, vivências e memórias de Beatriz Nascimento (2021). Buscou-se relacionar o quilombo juntamente com a universidade, pois ambos se constituem como territórios de conexões e sobretudo da construção de práticas de ensino e aprendizagem. Esta pesquisa metodologicamente é de cunho qualitativo, de natureza aplicada e utilizou-se enquanto métodos a revisão bibliográfica, documental e a

escrivência de Conceição Evaristo (2017). Como principal arcabouço teórico, utilizamos dos escritos da autora Beatriz Nascimento (2021). Das conclusões possíveis, ressalta-se a importância de se trabalhar a história e cultura afro-brasileira e africana no Ensino Superior, oferecendo base para a prática de professores (as) por meio do currículo universitário. Essa ecologia de saberes (Santos, 2010) oportuniza diálogos entre ensino, pesquisa e extensão que dialogam nos espaços da escola, universidade e quilombo.

Palavras-chave: Ancestralidade. Formação de professores. Práticas de ensino. Quilombo. Universidade.

Abstract: The objective of this article is to reflect on the concept of quilombo and aquilombamento based on the writings, experiences, and memories of Beatriz Nascimento (2021). We sought to relate the quilombo with the university, as both constitute territories of connections and, above all, of the construction of teaching and learning practices. This research methodologically is qualitative, of an applied nature, and employed the bibliographic documentary review methods, in conjunction with the writing of Conceição Evaristo (2017). As the main theoretical framework, we used the writings of author Beatriz Nascimento (2021). The possible conclusions highlight the importance of working on Afro-Brazilian and African History and Culture in Higher Education, offering a basis for teachers' practice through the university curriculum. This ecology of knowledge (Santos, 2010) provides opportunities for dialogues between teaching, research, and extension that dialogue in the spaces of the school, university, and quilombo.

Keywords: Ancestry. Quilombo. Teacher education. Teaching practices. University

Resumen: El objetivo de este artículo es reflexionar sobre el concepto de quilombo y aquilombamento a partir de los

escritos, vivencias y memorias de Beatriz Nascimento (2021). Se buscó relacionar el quilombo con la universidad, ya que ambos constituyen territorios de conexión y sobre todo de construcción de prácticas de enseñanza y aprendizaje. Esta investigación metodológicamente es cualitativa, de carácter aplicado y los métodos utilizados fueron la revisión bibliográfica, documental y la redacción de Conceição Evaristo (2017). Como marco teórico principal, se utilizaron los escritos de la autora Beatriz Nascimento (2021). A partir de las posibles conclusiones, se destaca la importancia de trabajar la historia y la cultura afrobrasileña y africana en la educación superior, ofreciendo una base para la práctica de los docentes a través del currículo universitario. Esta ecología del conocimiento (Santos, 2010) brinda oportunidades para diálogos entre enseñanza, investigación y extensión que dialogan en los espacios de la escuela, la universidad y el quilombo.

Palabras clave: Ascestralidad. Formación docente. Prácticas docentes. Quilombo. Universidad.

Data de submissão: 27/08/2024

Data de aprovação: 13/12/2024

Introdução

Este trabalho é um ensaio acadêmico e tem como objetivo principal refletir acerca dos conceitos de quilombo e aquilombamento a partir dos escritos, vivências e memórias de Beatriz Nascimento (2021). Incorpora, ainda, práticas intelectuais e escrevivências registradas em sala de aula e vistas a projetos de extensão em um Programa de Pós-graduação Interdisciplinar sobre Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Buscou-se refletir sobre a relação entre quilombo e universidade e, principalmente, sobre como ambos se constituem em territórios de conexões na busca da construção de práticas de ensino e aprendizagem. Evidenciamos a importância de se trabalhar e desenvolver temáticas tão importantes como quilombo e aquilombamento com base em uma perspectiva de autores(as) quilombolas e experiências de educação quilombola, que poderão contribuir com um ensino pautado na perspectiva decolonial e fundada em vivências culturais, políticas, filosóficas e educacionais.

A UNILA será mencionada neste processo, pois constitui-se como parte das conexões com o **Quilombo Apepú**, localizado na cidade de São Miguel do Iguaçu, no Estado do Paraná (PR). Evidencia-se a construção de saberes e pontes acadêmicos junto à comunidade quilombola, proporcionando o entrelaçamento de práticas de ensino,

aprendizagem e projetos de extensão universitária. Assim, encontramos projetos, disciplinas e grupos focais de estudos em que professores(as), universitários, estudantes quilombolas e comunidade externa participam juntos das iniciativas realizadas pela UNILA e pelo Quilombo Apepú.

Muito se discute acerca do significado de quilombo e aquilombamento, conceitos trabalhados por Maria Beatriz Nascimento (2021), quilombola nascida em Sergipe no Estado de Alagoas (AL), no ano de 1942. Por meio de suas obras e a partir de sua história de vida, nos deixou um legado de uma trajetória feita por mãos negras e de um movimento antirracista marcado por sua existência.

A autora será utilizada como base teórica para as reflexões deste trabalho, pois seus escritos são fundamentais para pensarmos nos conceitos de quilombo e aquilombamento trabalhados na disciplina de **“Teorias desde e sobre a América Latina”**, ministrada no curso de Pós-graduação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), e, sobretudo, nas práticas de ensino e aprendizagem construídas entre universidade e comunidade quilombola. Como metodologia, empregaremos principalmente a revisão bibliográfica a partir de livros, artigos, dissertações e teses que abordam temas condizentes e relevantes para a construção deste estudo.

O método de escrevivência idealizado por Conceição Evaristo (2017) foi utilizado no decorrer deste trabalho enquanto forma de externalizar experiências por

meio de histórias reais. Por esta razão é que este ensaio acadêmico se propôs a utilizar deste olhar didático, partindo de vários contextos tanto para analisar o quilombo e a educação quilombola na formação de professores(as), quanto para evidenciar algumas vivências relacionadas ao tema da pesquisa por meio da UNILA.

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. (Soares; Machado, 2017, p. 2016)

Entende-se que a escrevivência situa-se em um lugar de enunciação e, portanto, tem em seu sentido elencar narrativas. Os manifestos aqui apresentados foram redigidos com o intuito de alcançar um coletivo, apesar de conter escrevivências individuais.

A aposta no uso da noção de escrevivência como ferramenta metodológica tem um motivo que merece destaque. Ela se presta a uma subversão da produção de conhecimento, pois, além de introduzir uma fissura de caráter eminentemente artístico na escrita científica, apresenta-se por meio da entoação de vozes de mulheres subalternas e de sua posicionalidade na narração da sua própria existência. (Soares; Machado, 2017, p. 2007)

Portanto, Evaristo (2020) utiliza da escrevivência enquanto alternativa epistemológica e de sobrevivência, esta que inclui pensar a trajetória da população negra e sobretudo das mulheres de cor e suas narrativas de vida

elucidando a diáspora enquanto lugar de existência, entrave, desafio e ressignificação, pois “nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada” (Evaristo, 2020, p. 29). Para Conceição Evaristo (2020),

Pensar a escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. (p. 29)

Discorrer acerca dos conceitos de quilombo e aquilombamento nos faz refletir na composição de grupos identitários e culturais pertencentes a esta comunidade e o que foi preciso para que ela viesse a existir e se consolidar. É possível perceber na estrutura do quilombo uma sociedade organizada, que busca manter seus ideais e a permanência de sua ancestralidade por meio de seus hábitos, costumes, culturas e, acima de tudo, sua forma de ser (Nascimento, 2021).

O nascimento do quilombo enquanto organização social cria uma ruptura com as práticas coloniais e assegura que, dentro de tal comunidade, a liberdade possa ser exercida por negros e negras, porém, afirmar que o quilombo romperia com a abolição da escravatura seria uma ideia equivocada, pois, a partir dos documentos portugueses, a história da população negra foi contada por meio do viés da repressão. Entretanto, o quilombo

representou mais do que a coibição contada aos olhos do branco (Nascimento, 2021).

A renomada intelectual brasileira ressalta que é preciso realizar uma análise minuciosa dos escritos, histórias e documentos que demarcam e socializam a história dos quilombos no Brasil (Nascimento, 2021). A continuidade histórica permanece viva dentro das comunidades quilombolas e a autora faz um adendo a continuidade dos quilombos mesmo com a repressão armada que se tinha nos séculos passados como forma de controle e punição. Ou seja, se mesmo no século XX, negros e negras sobreviviam nesta forma organizada de vida dentro das comunidades quilombolas, é preciso que esta organização social permaneça não apenas na memória, mas na prática enquanto forma de (re)existir.

Evidenciamos que esta pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 31). Dito isso, nos atentaremos com a questão da análise bibliográfica que se dará a partir de artigos, teses, dissertações e trabalhos científicos para uma construção de um arcabouço teórico validado e da análise documental em que serão examinados os currículos dos cursos de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Universidade Estadual de Maringá (UEM), visando encontrar disciplinas que abordem a temática da educação quilombola na formação de professores (as).

Em conclusão, este trabalho é de natureza básica, pois “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32). Portanto, a pesquisa assume um caráter prático que se dá por meio da experiência vivida na disciplina do programa de pós-graduação da UNILA, a visita ao quilombo Apepú, e teórica por meio da revisão bibliográfica e documental.

Trajetórias Ancestrais: Quilombo e Aquilombamento

O quilombo continua pertencendo atualmente na sociedade moderna, pois “sua mística percorre a memória da coletividade negra e nacional, não mais como guerra bélica declarada, mas como um esforço de combate pela vida” (Nascimento, 2021, p. 244). A importância do quilombo vai além de ser um espaço de resistência, acolhimento e resguardo do corpo físico, mas também, uma forma de proteção ancestral, intelectual e cultural. O quilombo enquanto espaço de vivências, profundas raízes históricas e aquilombamento de uma determinada comunidade exerce uma história fundamental na trajetória e existência de negros e negras no Brasil:

Quilombo marca um processo de ação, atividade, conduta dentro daqueles três princípios antes mencionados. Aí residem sua trajetória e importância histórica: essa característica de processo, de

continuum. Entretanto, não pensamos esse contínuo como estático, e sim como dinâmico. (Nascimento, 2021, p. 242)

Os quilombos constituídos enquanto espaço de referência de uma reorganização social, composta por negros e negras colonizados, simboliza a busca da retomada identitária deste povo, no seu mais profundo ser, após os movimentos de exploração física, intelectual, subjetiva, ideológica, cultural, identitária e política do povo negro. Na tentativa pela sobrevivência e de se reerguer, o quilombo passou a contar a história de negros e negras em diáspora no Brasil. Neste sentido, a comunidade buscou se fortalecer, consolidar os vínculos e manter a sua história viva, cada quilombo com suas práticas e valores particulares.

Negros e negras escravizados precisaram mapear e definir fugas perigosas das fazendas de seus senhores em busca de um lugar desconhecido, onde não fossem encontrados para não serem submetidos ao trabalho servil e a desumanização. Mesmo após a promulgação da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, o quilombo continuou sendo este espaço de ruptura com as correntes das senzalas e o encontro com a liberdade. Isto é, foi e continua sendo a negação de um modelo colonial, opressor e de um regime escravocrata. Precisamos compreender que também há uma potencialidade na fuga e essa aptidão atravessou a vida da população negra em busca de sua sobrevivência. Portanto, “o movimento de fuga era, em si mesmo, uma negação da sociedade oficial, que oprimia os negros

escravos, eliminando sua língua, a sua religião, os seus estilos de vida” (Carneiro, 1958, p. 13).

Enquanto sistemas alternativos, se adaptavam a realidade local em que estavam inseridos, consolidando práticas de sobrevivência e repudiando os atos escravagistas e de desumanização sofridos pelos colonizadores. O quilombo, além de carregar consigo um ato político, ideológico e identitário, buscou se fortalecer enquanto comunidade por meio das guerras e fugas com rumo assertivo a liberdade, pois o objetivo era se defender e garantir independência. Os quilombos tinham em sua composição diversas culturas, além de situarem-se em tempos e espaços geográficos diferentes. Carneiro (1958) certifica que “os quilombolas viviam em paz, numa espécie de fraternidade racial. Havia, nos quilombos, uma população heterogênea, de que participavam em maioria os negros, mas que contava também mulatos e índios” (p. 18).

Identificar que o quilombo produz em seu território uma consciência ancestral nos diz muito a respeito de sua comunidade e suas formas de ser, estar e pensar no mundo. Considerado também como uma alternativa em relação à sua manutenção e subsistência, este espaço tem demarcado uma ideologia de caráter político e social quando abriga em seu seio sujeitos que permanecem lutando pela sua existência, pelo respeito às subjetividades, humanização e, sobretudo, o direito à vida. Compreendendo a necessidade metodológica e interpretativa que o estudo do “quilombo” oferece, e que

por isso mesmo seja passível de tantos equívocos, entendemos que ele se forma mais na necessidade humana de se organizar de um modo específico que não aquele arbitrariamente estabelecido pelo colonizador (Nascimento, 2021).

Portanto, reconhecer o surgimento do quilombo, por quê? Para quem? Por qual motivo? Como o quilombo era compreendido no passado e como é visto atualmente? Entre tantas outras questões pertinentes a esta temática, teorias, vivências e práticas vindas da realidade das comunidades quilombolas nos auxilia a compreendê-la em sua essência não apenas como um espaço físico, contudo, como um espaço simbólico, visto que o quilombo é “memória, é história, é o ser, assim nós o entendemos na década de 1970. Era o nosso lema para a recuperação de nossa identidade, de nossa ancestralidade, de ser no mundo adverso” (Nascimento, 2021, p. 234).

Compreende-se que o conceito de quilombo tem a ver com o espaço físico, pois parte de um conjunto de práticas que buscam emancipação por meio de sua realidade, ou seja, é uma prática de sobrevivência. O termo **quilombo**, de origem quimbundo, apresentou diversas definições com o passar do tempo, porém, sua origem derivou do surgimento do “Quilombo dos Palmares” no século XVI, a primeira comunidade quilombola documentada no país e que passou a reconhecer outros quilombos seus remanescentes.

O quilombo dos Palmares foi um Estado negro à semelhança dos muitos que existiram na África, no Século XVII, - um Estado baseado na eletividade do chefe "mais hábil ou mais sagaz", "de maior prestígio e felicidade na guerra QU no mando", como queria Nina Rodrigues. (Carneiro, 1958, p. 32)

Apesar dos portugueses definirem o conceito de quilombo de acordo com suas perspectivas ideológicas, a origem do conceito "quilombo" já se fazia presente nas comunidades derivadas em Angola, cuja história tem total semelhança e proximidade com o Brasil. Dito isso,

A primeira referência a quilombo que surge em documento oficial português data de 1559, mas somente em 1740, em 2 de dezembro, assustadas frente ao recrudescimento dos núcleos de população negra livres do domínio colonial, depois das guerras do nordeste no século XVII, as autoridades portuguesas definem, ao seu modo, o que significa quilombo: "toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles". Como esclarecimento, as guerras do norte deste referidas acima dizem respeito à destruição do Quilombo dos Palmares, assim como toda a agitação que se processou ao redor deste núcleo. (Ratts, 2006, p. 119)

Por ora, o conceito de aquilombamento criado e trabalhado por Beatriz Nascimento (2021) deriva de suas trajetórias de vida e de suas experiências. Ou seja, ela nos transmite que o aquilombamento está além do espaço físico e intelectual, é uma forma de estar no mundo. Somos quilombo na favela, reproduzindo a essência de comunidade, trocando afetos, pertencendo uns aos outros e para os outros, coincidindo corpos e mentes, criando laços,

compondo um espaço de pertencimento, sobrevivendo, resistindo, buscando afago, liberdade, militando.

A favela é vista como um espaço marginal, delinquente e excluída da “sociedade”, discrepâncias semelhantes com o quilombo de “antigamente”. É a trilha em memória aos ancestrais, desatando “nós” e ressignificando. Sendo assim, para se compor o quilombo é necessário haver demarcação de corpos, cor de pele e exclusão. Nas favelas não é nada diferente. A população periférica nesses espaços é maioria, mas não é reconhecida politicamente, travando inúmeros embates nos quesitos de alimentação, saneamento básico, oportunidades no mundo do trabalho, segurança, saúde e educação.

Dentro das comunidades não se desvincula teoria e prática, e é importante ressaltarmos os privilégios da branquitude a partir dos mecanismos do racismo estrutural, da precariedade e da negação de direitos que determinado grupo é fadado em consequência das mazelas do racismo estrutural. “Numerosas foram as formas de resistência que o negro manteve ou incorporou na luta árdua pela manutenção da sua identidade pessoal e histórica” (Ratts, 2006, p. 117).

Diante do exposto, o quilombo se constitui como espaço de memória, pois, reflete as recordações e os saberes ancestrais, corporais e orais dos quilombolas. Memória latente em cada sujeito que teve seus pés sob a terra, olhos voltados para o seu entorno, rodeados da mata fria que aquecia o espírito e fazia seus corpos e mentes

sentirem o sabor da liberdade, talvez não pela eternidade, mas por um breve instante. “O quilombo era um constante chamamento, um estímulo, uma bandeira para os negros escravos das vizinhanças - um constante apelo à rebelião, à fuga para o mato, à luta pela liberdade” (Carneiro, 1958, p. 34).

UNILA e a Comunidade Quilombola Apepú: Territórios de Conexões

De acordo com a história da escravização no Brasil, pouco se discute acerca do conceito de quilombo e, posteriormente, sobre sua importância na constituição da nação brasileira nas Instituições de Ensino Superior (IES). Além da tentativa de apagamento e de silenciamento que a comunidade quilombola sofreu e ainda continua resistindo, é de suma importância que haja visibilidade de corpos, mentes e saberes que coabitam a nossa terra.

Nas universidades, ainda é possível perceber e vivenciar um sistema universal que difunde práticas violentas e desumanas, isto é, a propagação de visões únicas como padrão a ser seguido. Esta prática de reprodução acaba por camuflar diversas outras formas de pensar, epistemologias e culturas que fazem parte da nossa sociedade e estão presentes em nós. Em face das ideias (des)construtivas e bastante reformadoras de Santos,

“o epistemicídio é a supressão da prática social de todo conhecimento local que é invalidado e transformado. Isso quer dizer que é o exercício de apagamento cultural, pedagógico, social, filosófico, político e sobretudo histórico de diferentes epistemologias espalhadas pelo mundo” (2009, n.p.).

O surgimento dos quilombos no Brasil é um assunto a ser explorado, justamente por ainda nos depararmos com conceitos, pensamentos e reflexões estereotipadas de sua origem e composição ao longo da história. Nos livros educacionais, e até mesmo em pesquisas com pouco embasamento teórico, o início da vida e vivência nos quilombos é retratada de forma hostil, pois seu começo se deu a partir de negros rebeldes, primitivos e teimosos que iniciaram uma guerra contra um sistema social, econômico e colonial que se dizia exemplo e correto a ser seguido. “Ao lado de poucas informações descritivas sobre a repressão das autoridades, se encontra uma interpretação estereotipada de como se constituíam os quilombos” (Nascimento, 2021, p. 105).

O Ministério da Educação, por meio da Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, estabelece as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola nas Escolas”, tendo como fundamento e base a memória coletiva, a diversidade cultural, os marcos civilizatórios, as práticas culturais e orais, e sobretudo as tradições e “demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país” (Brasil, 2012, p. 3). Apesar disso, é possível esbarrar-se com escolas que não

possuem professores(as) preparados(as) a partir de uma formação inicial e continuada para abordar tal temática nos espaços de educação.

A diretriz pressupõe que a educação quilombola nos níveis da educação básica deve prezar em “garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos, reconhecimento, valorização e continuidade” (Brasil, 2012, p. 3). É necessário que a educação quilombola também seja inserida com mais ênfase nos currículos das universidades brasileiras como requisito imprescindível para a formação de professores (as), pois

Estudos apontam que o currículo se caracteriza como eixo norteador para a efetivação de saberes historicamente legitimados no contexto escolar, por meio dele, há a possibilidade de validar o conhecimento sem desconsiderá-lo, alcançando a diversidade cultural, proporcionando a formação de pessoas críticas. (Silva; Sousa, 2024, p. 5)

Essa deficiência nos currículos universitários tem afetado a formação de futuros profissionais da área da educação, considerando que a educação escolar quilombola, como já sinalizado, deveria estar nos conteúdos obrigatórios que nos formam enquanto professores(as). Neste sentido, podemos refletir de forma mais ampla, quantos cursos de formação inicial de professores(as) no Brasil estão preparados e aplicam, corretamente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola? Que tipo de material didático e orientações práticas existem para garantir a efetiva implementação

desta diretriz? Acaso os cursos públicos e particulares que formam professores(as) do Estado do Paraná não consideram um problema a ausência destas práticas, saberes e fazeres em sala de aula? São apenas questionamentos e provocações que não aprofundaremos, mas consideramos valiosas para reflexões e desdobramentos futuros.

Exemplificando a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Estadual de Maringá (UEM), ambas instituições públicas de ensino superior localizadas no sul do Estado do Paraná com atuação do curso de Pedagogia, com foco na formação de professores(as). Em análise realizada na grade curricular dos cursos de Pedagogia, nenhuma das universidades dispõe de uma disciplina em sua grade curricular que explicita a abordagem da temática da educação quilombola ou sequer o ensino da cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

O que se encontra nos documentos norteadores são disciplinas como “Educação e diversidade”, ministrada no 1º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e a disciplina “Antropologia e educação” ministrada no 4º ano do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Trouxemos a perspectiva da formação inicial de professores(as) com enfoque para os cursos de licenciatura na área da Educação, pois ainda se tem um déficit quanto aos currículos de muitas universidades brasileiras públicas que priorizam mais conteúdos relacionados a prática pedagógica nos

campos da educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, políticas públicas, psicologia, história da educação e filosofia.

Reconhecemos que tais disciplinas citadas acima são de extrema importância para a formação de professores(as) e que é necessário inseri-las nas grades curriculares enquanto mecanismos de construção de saberes, práticas e desenvolvimento do profissional educador. Entretanto, nota-se a ausência de temas tão importantes, como a educação quilombola e o ensino das relações étnico raciais.

Em se tratando dos conteúdos relacionados à história afro-brasileira, essa deficiência é ainda maior, pois apenas no início do século XXI o referido tema passou a fazer parte, em caráter obrigatório, do currículo escolar. Portanto, houve um processo de esquecimento por mais de um século, da história do negro no Brasil e na África, e geralmente o assunto era abordado sob a perspectiva da escravidão. Tal fato contribuiu para que os professores passassem por uma formação inicial que não contemplava as demandas presentes hoje na construção teórica do tema. (Araujo, 2020, p. 21 e 22)

Sabe-se que a educação básica tem respaldo das Leis 10.639/03 e 11.645/08 que abordam o “Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena” nas escolas, mas quando se trata da formação inicial de professores(as) na graduação e pós-graduação, muitos docentes não têm o conhecimento do que se trata essa temática tão importante. Por esta razão, é preciso que haja um comprometimento não apenas das universidades brasileiras, mas também do Ministério da Educação (MEC),

Secretárias de Educação e outros coletivos, como o Movimento Negro, que utiliza como pauta de luta e resistência, a educação para as relações étnico raciais, a cultura afro-brasileira e africana, para trazer o protagonismo do povo negro na ocupação dos espaços na sociedade.

Diante dessas inquietações, é necessário sempre reforçar a importância de uma formação de qualidade para os professores, de modo a garantir a profissionalização dos docentes e, como consequência, também a melhoria na qualidade do ensino. (Araujo, 2020, p 22)

Dentro do ensino da educação para as relações étnico-raciais e o ensino da história da cultura afro-brasileira, africana e indígena, também se insere a educação quilombola, que se situa dentro deste contexto e formação da história do Brasil. Se essa temática não for abordada na formação de professores(as) nos cursos de licenciatura, o trabalho desses profissionais não tem suporte, contextualização e sequer metodologias para explorar. Esta temática apresenta desafios, porém, “a Educação Quilombola apresenta-se como uma modalidade de ensino que vem aos poucos ocupando seu espaço no currículo escolar e nas políticas públicas de ensino” (Silva; Sousa, 2024, p. 6).

Entretanto, “o problema da formação inicial repercute para além dos muros das universidades, chegando às escolas, espaço onde a lei 10.639/03 deve ter uma atuação mais significativa (Araújo, 2020, p. 24)”.

Inúmeros são os fatores que levam a essa decadência da não presença da temática do quilombo nos currículos e posteriormente do ensino da história e cultura afro-brasileira nas universidades, como, por exemplo, a formação inicial de professores (as) que não aborda ou negligência tal temática, currículos engessados e eurocêntricos e, sobretudo, posicionamento político e ideológico.

Trazendo a reflexão para a questão da responsabilidade social, histórica, filosófica, política e pedagógica, a Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA), instituição localizada na cidade de Foz do Iguaçu no Estado do Paraná (PR), fronteira com Paraguai e Argentina, tem uma relação próxima, de respeito e que promove a integração de seus estudantes com o Quilombo Apepú. Essa aproximação ocorre por meio de grupos de estudos, visitas guiadas, projetos de ensino, pesquisa e extensão e, sobretudo, a inclusão desse debate em disciplinas distribuídas nos níveis de graduação e pós-graduação.

Para tanto, por meio da disciplina de “Teorias desde e sobre a América Latina” ministrada no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPGIELA), foi possível refletir e contextualizar acerca de diferentes epistemologias e fundamentos teóricos existentes na América Latina por meio de autores(as) que abordam temáticas como: decolonialidade, pós-colonialidade, contra-colonialidade, estudos subalternos, feminismo negro, educação

quilombola, práticas intelectuais, educação étnico-racial e estudos latino-americanos. As autoras de referência foram: Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo e Sueli Carneiro.

Algumas universidades oferecem a disciplina de história afro-brasileira como optativa, o que contribui para se colocar à margem do sistema educacional a importância da luta dos movimentos negros por espaço no ambiente escolar e acadêmico, pela valorização de suas práticas e representações culturais, afirmação das identidades e combate ao racismo. (Araujo, 2020, p. 24)

Além das aulas ministradas, destacamos uma das práticas de ensino e aprendizagem que a disciplina do PPGIELA ofertou aos estudantes, que foi a visita ao Quilombo Apepú como atividade a ser cumprida em nível de extensão no ano de 2023 entre os meses de agosto a novembro. O Quilombo Apepú fica localizado na área rural de São Miguel do Iguaçu no Estado do Paraná (PR). Seu nome tem origem a partir de laranjas que são cultivadas e utilizadas para elaborar doces típicos daquele território (Garcia, 2024). A comunidade Apepú esteve aberta neste processo de trocas de conhecimentos para receber os estudantes da UNILA e disposta a contribuir com as práticas de ensino e experiências culturais e históricas que a universidade propôs, pois a troca de saberes aconteceu de forma mutua.

As visitas na comunidade Apepú tiveram como intuito aproximar os estudantes da pós-graduação com os saberes aprendidos na disciplina e a realidade local do

quilombo. Acreditamos que prática, teoria e experiências não se desvinculam. A partir do momento em que é oportunizado aos professores(as) e demais estudantes a unir conceitos, práticas e vivências em uma mesma atividade, lhes é assegurado que os conhecimentos tenham uma base pautada em situações reais, de forma crítica, concreta e diante de uma determinada realidade e de um contexto local e social.

Por isso, foi de suma importância trabalhar a partir da perspectiva de mulheres negras latino-americanas para contextualizar os desafios enfrentados pelo povo negro no Brasil, a realidade das comunidades quilombolas, a constituição desses territórios, a busca pelo resgate da cultura afro-brasileira, a luta pela territorialização das dessas comunidades, a relação do quilombo com a natureza e sobretudo as políticas públicas que garantem direitos básicos aos quilombolas. “Acredita-se que tratar de questões de existência, pertencimento e saberes de comunidades quilombolas transcende o espaço particular e comunitário e, com isso, se possibilita resistir, (re)existir, (re)viver e/ou redimensionar significados e experiências” (Ferreira; Silva, 2020, p. 66).

Tratando-se das visitas ao Quilombo Apepú, três encontros foram agendados nos períodos entre agosto e novembro de 2023, porém dois deles não foram possíveis de serem realizados devido à chuva, que impossibilitou os estudantes e demais grupos de chegarem à comunidade. Como as estradas são de terra e o quilombo situa-se longe

da cidade, os carros e vans disponibilizados pela universidade não tiveram capacidade para ultrapassar o barro e a lama que continha no caminho. O último encontro foi possível de ser realizado apenas no dia 20 de novembro de 2023, data alusiva ao Dia da Consciência Negra. Neste dia, o quilombo recebeu estudantes, professores(as) e grupos de pesquisa da UNILA para partilharem do mesmo espaço a partir de rodas de conversa, palestras e uma visita cultural guiada.

O encontro no Quilombo Apepú, realizado no Dia da Consciência Negra, propiciou aos estudantes, professores(as) e grupos de pesquisa a aprendizagem de práticas ancestrais com os quilombolas, que se deu por meio de uma palestra em que os representantes da comunidade relatavam o seu dia a dia com a terra, com a força do trabalho e com a sua espiritualidade. A percepção da diversidade cultural do espaço, a compreensão da história da constituição do quilombo e sobretudo, as dificuldades e desafios enfrentados pelo Quilombo Apepú também foram temas discutidos na roda de conversa.

A comunidade quilombola Apepú se uniu em prol de todos os envolvidos para que pudessem ter uma experiência cultural e aprender mais sobre os ensinamentos da cultura quilombola. Nesta visita cultural e guiada, compreendeu-se a força da representatividade do quilombo, da resistência permanente desta comunidade e da contribuição histórica e efetiva deste grupo na construção do Brasil e do Estado do Paraná.

A UNILA, em consonância com suas disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação que abordam temáticas relacionadas a educação quilombola e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, tem contribuído para a formação de futuros professores(as) e profissionais que atuam e atuarão em diversas áreas do saber. É um trabalho que não tem se restringido apenas aos muros da universidade, mas se expandido para além dos espaços acadêmicos. Por vez, estudantes, grupos de pesquisa e projetos de extensão existentes na instituição e que estudam o quilombo, de fato, atuam no papel de produtores de conhecimento e, ao mesmo tempo, protagonistas, em virtude das experiências que vivenciam ocupando a comunidade Apepú e tendo contato com teorias que oferecem suporte para suas produções acadêmicas.

A memória do corpo negro traz em sua essência formas de viver e saber. Essas práticas foram sendo ressignificadas dentro do quilombo e, tratando-se da UNILA, há uma conexão com esses saberes ancestrais quando estudantes, professores(as) e grupos de pesquisa vivenciam a comunidade Apepú. “Compreendendo a dificuldade metodológica e interpretativa que o estudo do ‘quilombo’ oferece, e que por isso mesmo seja passível de tantos equívocos” (Nascimento, 2021, p. 120) é que nos faz refletir acerca da relação entre quilombo, universidade e práticas pedagógicas. As obras de Beatriz Nascimento comungam com as práticas de ensino e aprendizagem desenvolvidas

dentro da academia, pois há um movimento educativo que impulsiona a construção de conhecimentos diversos, o rompimento de estereótipos e a aproximação de saberes construídos na diáspora.

Pode-se também relacionar o conceito de fuga que a autora apresenta enquanto opção “escolhida e largamente usada para iniciar uma nova ordem realmente autônoma” (Nascimento, 2021, p. 123) com a relação entre universidade, quilombo e práticas pedagógicas. Entende-se que, quando atores da universidade se juntam para ocupar o Quilombo Apepú e apresentam diferentes formas de ver o mundo, ocupar espaços e originar a vida, inicia-se um movimento de rompimento com práticas eurocêntricas, cunhadas pela “modernidade”, capitalismo, neoliberalismo e colonialidade, pois o que vem do quilombo esta pautado nas nossas relações com a terra, com o planeta e com o ser humano partindo da ancestralidade, da luta política do movimento negro e dos modos e significados da vida.

“A fuga é motivada por uma necessidade de resistência, e não para a acomodação” (Nascimento, 2021, p. 125), e quando a universidade assume este papel político e não neutro de incorporar em seu currículo a educação quilombola, ela certamente integra em suas práticas pedagógicas uma nova versão de produzir conhecimento pautada no respeito pela diversidade, atuação em áreas interdisciplinares e interculturais e com foco na ruptura de pedagogias e epistemologias centralizadas.

Dito isso, a UNILA caminha em favor da contra mão em relação as práticas de ensino colonizadas e na busca pela compreensão e atuação contra os efeitos, rastros e estruturas persistentes da colonialidade na formação docente de seus estudantes por meio de suas práticas extensionistas e disciplinas acadêmicas com suas múltiplas áreas de estudos. Isso quer dizer que, enquanto instituição de domínio e cultivo do saber humano, ela reafirma seu papel formador na sociedade em busca de uma reeducação racial para todos os seus estudantes.

Durante anos, teve-se a ideia de que a origem do Estado do Paraná foi constituída apenas por brancos europeus e, neste processo, negou-se a presença da população afro-brasileira e africana. Esta falácia fez parte da construção do imaginário da população brasileira e nenhuma importância foi dada as comunidades quilombolas. Os quilombos eram desconhecidos ou então tidos como atrasados no sentido de acompanharem a “modernidade”. Ainda, cabe ressaltar que os primeiros quilombos cujos territórios foram reconhecidos no Paraná foram Sutil e Santa Cruz, em Ponta Grossa; Água Morna e Guajuvira, em Curiúva; e João Surá, em Adrianópolis, todos em 19 de agosto de 2005:

A criação do Grupo de Trabalho Clóvis Moura (GTCM) no Governo do Estado, instituído pela Resolução Conjunta 01/2005-SEED-SEEC-SEAE-SEMA-SECS e posteriormente ampliado com a participação de outras Secretarias e com prazos prorrogados pelas Resoluções Conjuntas 01/2006 e 01/2007- SEED- SEEC- SEAE- SEMA- SECS- SESU- SEAB- SEJU- SETI- SETP- PMR, rompe com o pacto do silêncio das elites, e

em especial com o viés latifundiário, como mecanismo de invisibilização das questões étnico-raciais do Paraná. (Governo do Estado do Paraná, 2021, p. 3)

O Grupo de Trabalho Clovis Moura, criado no ano de 2005, tem contribuído para mapear as comunidades quilombolas no Paraná por meio do Governo do Estado, que contou com a ajuda do grupo na identificação dessas comunidades em seu território. Essa identificação de cerca de 70 comunidades aconteceu no ano de 2005, “possibilitando uma mudança de perspectiva com relação ao perfil populacional no Estado e ocasionando um interesse maior pelo conhecimento dessas comunidades afrodescendentes” (Portz; Decurgez; Silva, 2017, p. 88).

A partir da Constituição de 1988 e como resultado do processo de mobilização dos movimentos negro e indígena, observa-se um marco histórico no avanço das lutas dessas etnias e na afirmação de seu pertencimento identitário. Juntamente a essa crescente valorização da cultura afro-brasileira, iniciou-se a identificação e o reconhecimento de comunidades remanescentes de quilombos e comunidades negras tradicionais em diferentes localidades do território brasileiro. (Portz; Decurgez; Silva, 2017, p. 88)

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) tem feito um trabalho de visibilidade junto à comunidade Apepú, pois tem se movimentado juntamente com docentes e estudantes para compreenderem a realidade local do Quilombo Apepú, depositando interesse na valorização da cultura, práticas cotidianas ligadas a educação decolonial, sobrevivência e história do território. Membros da equipe de Sociologia e

Filosofia do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Foz do Iguaçu revelam a importância do contato e da sensibilidade para a realização de uma pesquisa, de uma base teórica por autores(as) quilombolas, negros(as) latino-americanos, caribenhos(as) e africanos(as) para melhor compreensão da realidade local e como possibilidade de abertura para receber o novo.

Muitas são as pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores da UNILA na busca de romper com estereótipos acerca do quilombo. As investigações revelam a história dos quilombolas, a origem da comunidade, religião, medicina tradicional, cultivo de alimentos, informações técnicas como tamanho do terreno, políticas públicas e recursos recebidos, sentimentos, expressões, a relação dos quilombolas com a cidade, universidade e o contexto em que estão inseridos (Portz; Decurgez; Silva, 2017).

Em vista dos argumentos apresentados, por meio da disciplina “Teorias desde e sobre a América Latina” e da visita ao Quilombo Apepú, foi possível compreender a realidade da comunidade envolvendo questões como educação, transporte, saúde, políticas públicas, relação com o trabalho e espiritualidade. Fica evidente a importância de se trabalhar a educação quilombola no ensino superior e do impacto positivo na formação docente por meio da temática inserida no currículo universitário, projetos extensionistas e grupos de pesquisa.

Considerações Finais

A importância de se debater sobre os quilombos e de estudá-los através de pessoas quilombolas, como Beatriz Nascimento, além do registro de práticas da educação quilombola e escrituras de pessoas negras que estão na autoria deste artigo, reforça o sentido de quilombamento e nos mostra como é importante que o quilombo, enquanto uma comunidade ancestral, continue perpetuando o legado de toda uma resistência durante todo seu processo histórico, político e social.

Podendo então o quilombo ser considerado um local de re(existência) coletiva e de fortalecimento da diáspora em questão territorial, cultural e pela permanência das tradições sociais e comunitárias pautadas na solidariedade e na diversidade, continua perpetuando uma cultura que dissemina suas singularidades adiante para que as futuras gerações continuem seu legado. Portanto, o quilombo foi uma

Forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação dos valores das culturas africanas, sob todos estes aspectos o quilombo revela-se como um fato novo, único, peculiar, - uma síntese dialética. Movimento contra o estilo de vida que os brancos lhe queriam impor, o quilombo mantinha a sua independência à custa das lavouras que os ex escravos haviam aprendido com os seus senhores e a defendia, quando necessário, com as armas de fogo dos brancos e os arcos e flechas dos índios. (Carneiro, 1958, p. 24-25)

Assim, para além de ser um espaço físico de preservação da cultura afro diaspórica e de ter sido o local de resistência ao processo de escravização, o quilombo representa não somente uma liberdade física, mas segue sendo um símbolo de liberdade frente às consequências desse processo de escravização, que afeta até hoje, negros e negras no Brasil. O espaço quilombola, seja ele como comunidade tradicional ou em outros espaços de aquilombamento como as favelas, terreiros e locais culturais, fortalece o empoderamento da população negra, reforça a identidade, autonomia e preserva a história e a cultura africana e afro-brasileira na diáspora.

Para além do que foi exposto, ressaltamos a importância de se trabalhar a educação para as relações étnico-raciais, história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nos cursos de graduação e pós-graduação, pois a temática, além de ser histórica, também é atual e afeta a formação inicial de milhares de professores(as) no Brasil. Uma vez que as Leis amparam o estudo da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas, é preciso que docentes também tenham acesso, oportunidade e suporte para se familiarizarem com a temática por meio de formações continuadas, grupos de estudos e práticas extensionistas.

Entende-se que o currículo é parte fundamental desta formação inicial de professores(as), pois constitui-se como documento norteador e imprescindível para guiar práticas e oferecer referências aos profissionais da área da

educação. Para professores(as), ter uma base teórica ampla, diversificada, interdisciplinar e que garanta a apropriação da educação para as relações étnico-raciais, história e cultura afro-brasileira, africana, indígena e educação quilombola, auxiliará na prática de profissionais que irão receber, na sala de aula, estudantes com diferentes realidades, perspectivas, cosmovisões e singularidades.

Por fim, Beatriz Nascimento, com sua bravura, tem contribuído com seus escritos para a área da educação quilombola e formação de professores(as), pois compartilha suas vivências e sobretudo traz reflexões acerca do racismo na educação e do lugar do corpo preto na sociedade. A autora também reflete acerca das práticas discriminatórias que perpassam o corpo de mulheres pretas, a realidade do quilombo enquanto espaço físico, intelectual e de memória. Suas publicações também auxiliam professores(as) negros(as) em processo de formação inicial a se reconhecerem, trabalharem identidade, pertencimento e a questão racial no Brasil, para além dos muros das escolas, mas como uma problemática social, política e histórica.

Referências

- ARAUJO, ANTÔNIA VALDINEIA. FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA: PERSPECTIVAS DE APLICAÇÃO DA LEI 10.639/2003 NA EDUCAÇÃO BÁSICA. **REVISTA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA** - SEÇÃO CEARÁ. FORTALEZA, v. 11, n. 21 - JANEIRO/JULHO DE 2020.
- BENTO, CIDA. **PACTO DA BRANQUITUDE**. EDITORA COMPANHIA DAS LETRAS, 1ª EDIÇÃO. 2022, p. 152.
- CARNEIRO, EDSON. **O QUILOMBO DOS PALMARES**. SÃO PAULO EDITORA S/A. - SÉRIE 5º BRASILIANA, VOL 302. 1958, p. 268.
- DUARTE, CONSTÂNCIA LIMA. NUNES, ISABELLA ROSADO. **ESCREVIVÊNCIA: A ESCRITA DE NÓS : REFLEXÕES SOBRE A OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO / ORGANIZAÇÃO CONSTÂNCIA LIMA DUARTE, ISABELLA ROSADO NUNES ; ILUSTRAÇÕES GOYA LOPES**. -- 1. ED. -- RIO DE JANEIRO : MINA COMUNICAÇÃO E ARTE, 2020.
- EVARISTO, CONCEIÇÃO. **BECOS DA MEMÓRIA**. 3. ED. -- RIO DE JANEIRO : PALLAS, 2018.
- FERREIRA, THAIS DE JESUS. SILVA, MARIA CECILIA DE PAULA. QUILOMBO E UNIVERSIDADE: RESSONÂNCIAS EDUCACIONAIS, DIALOGIAS ENTRECRUZADAS E ECOLOGIA DOS SABERES NO PRESENTE HISTÓRICO. **REVISTA HUMANIDADES E INOVAÇÃO**, v.7, n.7.7 – 2020.
- GARCIA, CRISTIANE GARCIA: CONHECENDO A HISTÓRIA DE UM PARANÁ NEGRO: A COMUNIDADE QUILOMBOLA APEPÚ. VALDIRENE REIMANN. SILVA, PAULO RENATO. O QUILOMBO APEPÚ: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DE UMA COMUNIDADE. **REVISTA UNILA EXTENSÃO E CIDADANIA**. EDIÇÃO N.1, 2017, p. 32 A 38. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTAS.UNILA.EDU.BR/RUEC/ARTICLE/VIEW/1109/0](https://revistas.unila.edu.br/ruec/article/view/1109/0). ACESSO EM: 25 DE AGOSTO DE 2024.
- GERHARDT, ENGEL. SILVEIRA, DENISE TOLFO. **MÉTODOS DE PESQUISA**. COORDENADO PELA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB/UFRGS E PELO CURSO DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA – PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL DA SEAD/UFRGS. – PORTO ALEGRE: EDITORA DA UFRGS, 2009.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. GRUPO DE TRABALHO CLOVIS MOURA: APRESENTAÇÃO. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.ADMINISTRACAO.PR.GOV.BR/ARQUIVOPUBLICO/PAGINA/GRUPO-DE-TRABALHO-CLOVIS-MOURA-APRESENTACAO](https://www.administracao.pr.gov.br/arquivoPublico/Pagina/Grupo-de-Trabalho-Clovis-Moura-Apresentacao). ACESSO EM 25 DE AGOSTO DE 2024.

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – CRC.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.CPR.UEM.BR/INDEX.PHP/CATALOGOS/GRADUACAO?TASK=DOWNLOAD&FILE=GRAD_DISCIPLINAS&ID=2006](https://www.cpr.uem.br/index.php/catalogos/graduacao?task=download&file=grad_disCIPLINAS&id=2006). ACESSO EM 28 DE NOVEMBRO DE 2024.

MATRIZ CURRICULAR PEDAGOGIA. PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD).

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://SITES.UEL.BR/PROGRAD/WP-CONTENT/UPLOADS/CATALOGO_CURSOS/2023/ORGANIZACAO_CURRICULAR/PEDAGOGIA_NOTURNO.PDF](https://sites.uel.br/prograd/wp-content/uploads/catalogo_cursos/2023/organizacao_curricular/pedagogia_noturno.pdf). ACESSO EM 28 DE NOVEMBRO DE 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. 2012 p. 21. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://NORMATIVASCONSELHOS.MEC.GOV.BR/NORMATIVA/VIEW/CNE_RES_CNECEBN82012.PDF?QUERY=ENSINO%20MÉDIO](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN82012.pdf?query=ensino%20médio).

NASCIMENTO, MARIA BEATRIZ. **UMA HISTÓRIA FEITA POR MÃOS NEGRAS: RELAÇÕES RACIAIS, QUILOMBOS E MOVIMENTOS.** ORG. ALEX RATTIS. 1 ED. RIO DE JANEIRO.: ZAHAR, 2021.

NASCIMENTO. MARIA BEATRIZ. **A LUTA DOS QUILOMBOS: ONTEM, HOJE E AMANHÃ.** BEATRIZ NASCIMENTO - QUILOMBOLA E INTELCTUAL: POSSIBILIDADES NOS DIAS DE DESTRUIÇÃO. SÃO PAULO: FILHOS DA ÁFRICA, 2018.

PORTS, SOLANGE. DECURGEZ, VALDIRENE REIMANN. SILVA, PAULO RENATO. O QUILOMBO APEPÚ: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DE UMA COMUNIDADE. **REVISTA UNILA EXTENSÃO E CIDADANIA.** EDIÇÃO N.1, 2017, p. 86 A 97. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://REVISTAS.UNILA.EDU.BR/RUEC/ARTICLE/VIEW/1109/0](https://revistas.unila.edu.br/ruec/article/view/1109/0). ACESSO EM: 25 DE AGOSTO DE 2024.

RATTIS, ALEX. EU SOU ATLÂNTICA: SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE BEATRIZ NASCIMENTO. SÃO PAULO. INSTITUTO KUANZA. 2006, p. 117-125. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://EDISCIPLINAS.USP.BR/PLUGINFILE.PHP/4408010/MOD_RESOURCE/CONTENT/2/NASCIMENTO-BEATRIZ_O%20CONCEITO%20DE%20QUILOMBO%20E%20A%20RESIST%C3%AANCIA%20CULTURL%20NEGRA.PDF](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408010/mod_resource/content/2/NASCIMENTO-BEATRIZ_O%20CONCEITO%20DE%20QUILOMBO%20E%20A%20RESIST%C3%AANCIA%20CULTURL%20NEGRA.PDF). ACESSO EM: 10 DE JANEIRO DE 2024.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. MENEZES, MARIA PAULA (ORG). **EPISTEMOLOGIAS DO SUL.** EDIÇÕES MEDINA SA 2009, p. 518.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUZA. **EPISTEMOLOGIAS DO SUL.** SÃO PAULO: CORTEZ, 2010.

SANTOS, MARIA HELENA. SOUSA, ANGELA MARIA. O SOL DE MAIO DE FOZ DO IGUAÇU: DEBATE ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA. **REVISTA UNILA EXTENSÃO E CIDADANIA**. EDIÇÃO N.1, 2017, p. 49 A 61. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTAS.UNILA.EDU.BR/RUEC/ARTICLE/VIEW/1109/0](https://revistas.unila.edu.br/ruec/article/view/1109/0). ACESSO EM: 25 DE AGOSTO DE 2024.

SILVA, MAISA EVELINE DUARTE DE. SOUSA, NEIDE MARIA RODRIGUES FERNANDES DE. EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E O CURRÍCULO: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CLASSES MULTISSERIADAS. **REVISTA ESPAÇO DO CURRÍCULO**, [S. L.], v. 16, N. AHEAD OF PRINT (AOP), p. E66483, 2024. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.UFPB.BR/INDEX.PHP/REC/ARTICLE/VIEW/66483](https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/66483). ACESSO EM: 27 NOV. 2024.

SOARES, LISSANDRA VIEIRA. MACHADO, PAULA SANDRINE. (2017) “ESCREVIVÊNCIAS” COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA SOCIAL. **PSICOLOGIA POLÍTICA**, 17(39), p. 203-219.